



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**IZALDO SENE DE SOUZA**

**MEMORIAL: Relação professor aluno:** uma relação transcendente a sala de aula refletida na trajetória do aluno

Anapu/Pa  
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA  
EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**IZALDO SENE DE SOUZA**

**MEMORIAL: Relação professor aluno:** uma relação transcendente a sala de aula refletida na trajetória do aluno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores- PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do Prof.º Dr. André Ribeiro de Santana

Anapu/Pa  
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)**

---

S719r Souza, Izaldo Sene de.  
Relação professor aluno: uma relação transcendente a sala de aula refletida na trajetória do aluno / Izaldo Sene de Souza. — 2023.  
xxxiii, 33 f.

Orientador(a): Prof. Dr. André Ribeiro de Santana  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, , , Altamira, 2023.

1. Relação professor aluno. 2. Papel do professor. 3.  
Percurso escolar. I. Título.

CDD 153.12

---

MEMORIAL: **Relação professor aluno:** uma relação transcendente há sala de aula refletida na trajetória do aluno

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Plano Nacional de Formação de Professores- PARFOR da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientador:** Prof.º Dr. André Ribeiro de Santana

Avaliado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

---

Prof.

---

Prof.

---

Prof.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho as pessoas que tem uma representatividade enorme em minha vida e que fazem parte do meu alicerce educacional e social, dedico a vocês: Maria Sene (minha mãe), Francisco costa (meu pai), Vilma Gomes (minha esposa), meus meninos Iarlan, Isamary e agora recém chegado Carlos, meus irmãos e irmãs que amo muito a cada um de vocês, sobrinhos todos (as) sem exceção.

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar ao Criador de tudo, o que vemos e o que não vemos, pela oportunidade de estar concretizando um sonho, onde as circunstâncias as vezes mostrava-se desfavoráveis sempre colocava as pessoas certas para me incentivar e não desistir. Obrigado meu Deus!

Também meus agradecimentos aos meus pais que não mediram esforços para me dar uma boa educação e em me manter em sala de aula, mesmo quando a situação financeira não lhes permitia me dar o melhor e mesmo dando muito trabalho em especial a minha mãe nunca desistiram em momento algum, Pai, mãe muito obrigado!

Não posso deixar de agradecer minhas professoras da educação primária as quais com muita paciência e excelente profissionalismo me prepararam para a próxima etapa de minha vida: professora Edite, Heloísa, Joselinda e professora Mônica, vocês foram essenciais no meu desenvolvimento e foi me espelhando em vocês que iniciei minha vida profissional, vocês marcaram minha vida de momentos bons. Obrigado professoras.

Agradeço também um homem de excelente índole que me ensinou a ter uma fé concreta em Deus e a ser uma pessoa mais família, um homem que acreditou em mim quando todos me olhavam com indiferença. Meu amado pastor Jônatas Fernandes.

Grato pelos pais, mães e responsáveis de alunos da comunidade Nova Esperança por ter confiado a mim todo esse tempo a educação de seus filhos, uma tarefa que sem o apoio e dedicação de cada um não seria possível alcançar o que já conseguimos.

Agradeço ao meu professor orientador André, pois sem ele não teria conseguido realizar este trabalho e agradecer pelo incentivo no momento do desespero sempre mostrou-ser uma pessoa pacata, passando tranquilidade e segurança ao seu orientando. Obrigado!

E enfim quero externar minha gratidão a minha amada esposa. Vilma Gomes, pela compreensão que tantas vezes deixei de atendê-la para realizar tarefas e atividades durante esse curso, deixando-a em casa com as crianças para vim estudar na cidade, agradecer a ela pela paciência, dedicação e companheirismo. meu amor obrigado!

Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a

Paulo Freire

## Resumo

O tema Relação professor aluno: uma relação transcendente há sala de aula refletida na trajetória do aluno, apresentado neste trabalho em caráter de memorial tem por objetivo mostrar minha trajetória de vida pessoal, estudantil, docente e acadêmica, também trazer a luz a importância do papel que professores (as) exercem na vida e nas futuras decisões de seus discentes, o qual por meio de relatos de minhas memórias ofereço uma reflexão onde devemos como profissionais da educação ter em relação aos nossos alunos, pois em muitas vezes assumimos o papel não apenas de professor nas vidas de cada um e que essa relação transcende o piso da sala de aula, indo para além dos muros e pátios da escola. Este trabalho está fundamentado em teóricos como Imbernón (2010), Rios (2010), Mantoan (2015), Tardiff (2012), Freire (1987) e (1996), os quais tratam de temas propostos neste trabalho. Para construir este trabalho farei uso da pesquisa de cunho descritiva autobiográfica reflexiva e bibliográfica, onde apresentarei fatos marcantes de minha infância, de como iniciei minha vida estudantil, os progressos e desafios enfrentados durante o percurso escolar e pessoal, o início do profissional, minha entrada numa das universidades mais renomadas e almejadas do país a Universidade Federal do Pará – UFPA, a importância do programa de formação de professores da educação básica – PARFOR e por fim expor o resultado dessa pesquisa. sempre que possível procurando entrelaçar o contexto da pesquisa com o tema abordado tendo como canal uma abordagem qualitativa propondo trazer a luz a reflexão outrora dita

**Palavras-Chaves:** Relação professor aluno. Papel do professor. Percurso escolar

## **Abstract**

The theme Teacher-student relationship: a transcendent relationship in the classroom reflected in the student's trajectory, presented in this work as a memorial, aims to show my personal, student, teaching and academic life trajectory, also to bring to light the importance of the role that teachers exercise in the life and future decisions of their students, which through reports of my memories I offer a reflection on where we as education professionals have in relation to our students, because on numerous occasions we assume the role not only role of teacher in each one's lives and that this relationship transcends the classroom floor, going beyond the walls and patios of the school. This work is based on theorists such as Imbernón (2010), Rios (2010), Mantoan (2015), Tardiff (2012), Freire (1987) and (1996), which deal with themes proposed in this work. To build this work, I will use autobiographical, reflective and bibliographical descriptive research, where I will present remarkable facts from my childhood, how I started my student life, the progress and challenges faced during the school and personal journey, the beginning of my professional career, my entry at one of the most renowned and desired universities in the country, the Federal University of Pará - UFPA, the importance of the basic education teacher training program - PARFOR and finally expose the result of this research. whenever possible, trying to intertwine the context of the research with the theme addressed, using a qualitative approach as a channel, proposing to bring to light the reflection once said

**Keywords:** Teacher-student relationship. Teacher's role. School route

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
INÍCIO.....	10
INFÂNCIA.....	12
ENTRADA PARA ESCOLA.....	18
ENSINO FUNDAMENTAL.....	19
ENSINO MÉDIO.....	23
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.....	25
A ENTRADA E A IMPORTÂNCIA DO PARFOR.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

## INTRODUÇÃO

Neste Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade memorial construí parágrafos nos quais relembro e comento sobre diferentes fases de minha vida, as quais me conduziram para a Educação. Eu sou um brasileiro que vivenciou uma infância como a de tantas outras crianças humildes, tendo meus pais lutando muito, sempre em busca de melhoras a vida da família.

Neste memorial vou argumentar, vou comentar situações, fatos e experiências que vão desde antes do meu primeiro contato com a escola. Acho interessante reconhecer como pouco a pouco a Educação foi ganhando espaço na minha vida, culminando, por enquanto, com a conclusão deste curso de pedagogia oferecido pelo **PARFOR (Plano Nacional de Formação de Professores)** da **UFPA** (Universidade Federal do Pará).

Ao falar sobre acontecimentos da minha infância e juventude não estarei apenas lembrando mudanças, sonhos e experiências. O Memorial me fez fazer um exercício onde fui reconhecendo ligações da vida de uma pessoa que, à medida que ia crescendo em idade e responsabilidades se envolveu com a sala de aula e, em algum momento, mudou de aluno para este professor que está até aqui, trazendo um Memorial para sua conclusão de curso.

## INÍCIO

Sou Izaldo Sene de Souza, nascido dia 12 de Maio de 1989, filho de Maria Sene de Souza e Francisco Costa de Souza, tenho 9 irmãos, 1 faleceu em novembro de 2019, nasci no povoado de Japim, município de Viseu, nordeste paraense e registrado no município de Tailândia-PA, morando na zona urbana do município, filho de lavradores nordestinos evangélicos, vindos de Itapipoca-CE, evangelizando principalmente em zonas rurais, sempre trabalhando arduamente em lavouras, para dar o sustento aos seus filhos.

Ao chegar em Tailândia nordeste paraense no ano de 1991, já com 7 filhos e esperando o nascimento do 8º bebê e sem lugar para morar, meu pai procurou apoio com o pastor, o qual adquiria casas e terrenos que diziam estar abandonados, porém quando o local estava habitável, aparecia alguém alegando ser o dono do imóvel. Passamos alguns meses morando assim, até que um comerciante, que meu pai conheceu na igreja, adquiriu um terreno fixo para nós onde construímos uma morada, o local era afastado do centro rodeado de uma vegetação baixa típica de capoeira (mato crescido após a derrubada da floresta), ali próximo meu pai construiu uma igreja onde nos reuníamos. As condições financeiras eram provenientes do trabalho de meu pai e de meu irmão mais velho na serraria, da venda de carvão e lavagem de roupas da minha mãe.

Em 1993, eu já com 4 anos, meu irmão trouxe da serraria uma prancha para minha mãe passar roupas, porém a situação ainda não dava de comprar pregos, devido a família ser grande, então essa prancha ficou posta a quatro pedaços de madeira, no formato de uma mesa, porém um dos pedaço era curto e a mãe teve que calçar com um tijolo e lá era o lugar de minhas irmãs brincarem de casinha, certo dia segundo relatos de minha mãe e irmãs, fui quebrar os brinquedos de minhas irmãs nessa casinha, foi quando a rede da boneca enrolou-se no meu tornozelo e na tentativa de me livrar da amarra balancei a mesa e o tijolo se quebrou tirando a mesa de seu eixo rodando-a, foi quando uma ponta da prancha bateu em meu peito e, já ao chão, a outra passou cortando meu rosto.

O município estava dando seus primeiros passos, pois, "Tailândia, que fazia

parte do município do Acará, só teve a sua emancipação político-administrativa em 10 de maio de 1988, através da Lei estadual de nº 5.452/88, sancionada pelo governador Hélio da Mota Gueiros, [...]” (JR,2012; 2020). Devido a situação financeira do então município, que só tinha 5 anos estava se formando, não contava com um hospital, o que se tinha era uma casa do Sistema Único de Saúde – SUS, que estava faltando materiais para esse tipo de emergência e outros também; por exemplo, não havia medicamentos para o tratamento da malária, para o tratamento das verminoses, etc.

Com o sistema de saúde precário a casa só contava com uma enfermeira que, para a mesma faltava materiais como anestesia, soro fisiológico, nem linha para dar procedimento na minha emergência tinha, o jeito foi minha mãe comprar um pedaço de linha na única farmácia da cidade, especificamente um metro de linha para que a enfermeira pudesse costurar o ferimento em aberto. Após a compra da linha a enfermeira começou o processo de costurar meu rosto, com uma agulha em péssimo estado de esterilização e dando os pontos longos, devido a linha ser curta, enquanto eu desmaiava ela costurava, assim que retornava a enfermeira parava pois não tinha anestesia.

Sem mais o que oferecer a profissional do SUS falou para minha mãe me levar para casa, pois segundo ela, dificilmente viveria. Na mesma noite meu rosto inchou, levando a ruptura dos pontos e abrindo novamente o ferimento, O meio que minha mãe achou foi preencher aquela ferida com uma mistura caseira de copaíba e açúcar, amarrando a cabeça envolta por uma fralda para manter a mistura dentro do ferimento mantendo-o fechado e assim foi como o ferimento fechou e cicatrizou-se.

Por se tratar de um município recém formado e por morar em uma localidade afastada do então centro da cidade. Ali era um lugar tranquilo onde tínhamos contato com a natureza, pois a poucos metros de nossa casa podíamos ver e ter esse contato direto com a floresta, ouvíamos todos os dias pela manhã o canto do bem-ti-vi e dos demais pássaros, tinha gente que até caçava tatus, cutias, etc nas intermediações da cidade. Era um lugar bem pacato onde dormíamos com portas

abertas, aproveitando o friozinho da noite ao som das corujas e outros pássaros noturnos, uma orquestra natural perfeita. Porém não contávamos com o básico, nem estrada havia, o que garantia o direito de ir e vir era uma trilha que passava pela capoeira e ligava nosso local ao bairro centro. Sem energia elétrica; as lamparinas (uma lata de flandre, (material laminado estanhado cilíndrico) seja de óleo de soja, leite em pó, etc ou recipientes de vidros com óleo diesel dentro tapado com um furo na tampa e com um pedaço de pano de algodão como pavio) clareava as noites dentro de casa.

Segundo minha mãe após a minha cirurgia foram as 24 horas mais angustiantes para ela, pois a dor de perder um filho lhe castigara o peito, e sim em um verdadeiro milagre após esse período, na manhã seguinte depois da visita e oração das irmãs, minha mãe me ouviu pedir água, então se tomou de alegria e veio ao meu encontro. Passado isso fomos morar em um outro endereço, pois meus pais trocaram a nossa casa em outra, mais confortável de madeira, com um piso em cimentado e coberta com telhas, tudo que a outra casa não tinha. O novo endereço situado na avenida Pará, esquina com a travessa Santarém em Tailândia trás lembranças de uma infância perfeita, para mim, que vocês irão acompanhar mais adiante. Fui crescendo com alegria, aprontando muito recebendo correções, mas obediente segundo minha mãe.

## INFÂNCIA

Posso dizer que, nos momentos em que pude vivenciar minha infância, aproveitei cada instante, principalmente no período que compreende dos 8 aos meus 12 anos, pois após as aulas vendia geladinho, chopp, sacolé, dimdim, etc; pois o nome vai depender de cada localidade (é a mistura de leite de vaca, com polpa de fruta ou suco e açúcar, batidos no liquidificador e colocado dentro de saquinhos estreitos e compridos e servidos gelados) e pastéis nas ruas e balneários de Tailândia, minha mãe falava que era para ajudar na renda, porém para não deixar aquela tarefa, algo enfadonho para mim, resolvi por em prática o que aprendia na sala de aula e isso de certa forma suavizava o meu trabalho, pois me distraía bastante entre uma venda e outra. O que para muitos era trabalho, para mim era a prática do meu aprendizado. Sem dizer na oportunidade ímpar de socializar

com as pessoas e cidade, me sentindo mais engajado na sociedade. Hoje percebo que eu estava associando o que aprendia na escola com a minha realidade, algo referido em documentos oficiais relacionados com a Educação (BRASIL, 1998; 1999; 2017).

Com essa atividade pude vivenciar experiências que antes só era em sala de aula como; somar e subtrair para passar trocos, conhecer o sistema monetário os valores das moedas e cédulas, antes da virgula é representado o real, depois da virgula os centavos, aprendia também números ordinais como quem pegou o primeiro pastel, o segundo e assim por diante.

Essa tarefa me abriu um universo de conhecimentos por exemplos; observar e conhecer a geografia da cidade através dos relevos, ruas e paisagens, como a praça do salão paroquial na travessa São Félix, o mercado na avenida Natal a rua do amor, onde funcionava o prostíbulo. Também tinha um olhar e uma vivência histórica com pavimentações de ruas, construções de praças, como a praça do povo em frente a prefeitura, a praça da bíblia próximo ao templo da igreja assembleia de Deus.

O que mais me cativava na atividade de vender esses lanches era o contato direto verbal com pessoas de outras culturas e profissionais diferentes como um comerciante gaúcho, achava muito engraçado o jeito dele falar, trabalhadores de serrarias; o prancheiro, (profissional que recebe a prancha vinda da serra), o circuleiro (profissional que tira o excesso da prancha dando forma a madeira) o poseiro, (profissional que é responsável por retirar e pó da serragem), o bitoleiro (profissional que trabalha na serra medindo a bitola das pranchas), no qual a maioria deles eram pessoas vindas do estado do Maranhão e eles falavam dimdim, já para os paraenses era chopp e chopp para o gaúcho era cerveja, também dialogava com pessoas mais idosas nos bancos das praças, esses aí eu conversava bastante. Ao meu olhar, toda essa vivência fez com que em sala de aula eu tivesse mais facilidade para expor trabalhos por exemplo. Novamente percebi estar vivenciando contextualizações, nas quais, em conformidade com diferentes documentos (BRASIL, 1998; 1999; 2017), o que é vivenciado associa-se com os ensinamentos oferecidos nos espaços formais de ensino e aprendizagem.

Após a venda dos lanches a diversão era garantida todas as tardes com os amigos e amigas na rua de casa, situada na avenida Pará, porém a que usávamos com maior frequência era a travessa Santarém essa era a minha quadra poliesportiva, por ser a mais pacata, pois a um quarteirão da minha casa a rua findava numa cerca de uma fazenda. Nessa rua experimentei e usufrui de muitas brincadeiras e também em quintais das casas de amigos na mesma rua.

Na rua brincávamos de queimado (queima) onde formávamos dois times, demarcávamos um quadro para ser o campo de jogo, a partir de uma reta feita ao meio, dividia-o em partes iguais por meio de passos e então, após decidir no par ou ímpar, iniciávamos com uma bola. O objetivo era acertar o adversário fortemente sem este conseguir segurar a bola e esta tinha que tocar ao chão, daí o queimado iria com a bola para o lado do adversário, na extremidade ao fundo para lançar a bola para o seu time do outro lado (a gente chama de combina), cansando o time adversário, que fica ao meio correndo de um lado para o outro, longe da bola até queimar um, porém quando o time oposto consegue pegar a bola sem esta cair ao chão este pode lançar a bola no outro time opositor. Vence o time que queimar todos os integrantes do outro.

Amarelinha (macaca), essa brincadeira consiste em pular após desenhar quadrados no chão, sempre alternando para pular com um pé e dois pés, aonde ao final pula com os dois pés onde é colocado o nome (Sol e Lua, Terra e mar, Céu e Inferno), os nomes depende da decisão dos jogadores. O jogo pode ser praticado por dois ou mais integrantes, feito o desenho os jogadores escolhem uma pedra para si, decidem no (par ou ímpar, zerinho ou um ou pedra, papel, tesoura), para verem quem vai começar.

Após decidirem a ordem de iniciação todos põem suas pedras no primeiro quadrado e começa a brincadeira pulando nos quadrados seguintes, pois não pode pular nos quadrados que tem a pedra do colega e nem na sua, assim vai pulando até ao fim, faz a meia volta pulando com um pé na parte do sol e outro na parte da lua ao mesmo tempo e retorna até chegar ao quadrado que antecede sua pedra para pegá-la sem perder o equilíbrio e sem pisar nas linhas, concluído o primeiro

quadrado joga-se a pedra para o segundo quadrado, sua vez passa quando erra o alvo, pisa na linha, desequilibra-se, pisa com um pé depois outro em um quadrado que é com dois pés. Enfim como se trata de brincadeira as regras são produzidas entre acordos com os integrantes.

Bola de gude, essa brincadeira pode ser praticada por duas ou mais pessoas e tem por objetivo ganhar a bolinha de gude do outro no palmo ou teco, (teco), quando um acerta a bolinha do outro (teco, por causa do som produzido quando uma bolinha se choca com a outra) e palmo, é quando um jogador lança a bolinha e essa fica a um palmo medido por ele longe da bolinha do outro jogador.

Brincamos também muito de tacobol, onde uma dupla enfrenta outra, que após decisão que poderia ser no par ou ímpar, uma dupla iria iniciar no taco (pedaço de madeira usado para rebater a bola) e a outra iniciava com a bola, esta usada para derrubar a lata atrás do taco. Vence a dupla que estaria no taco, após rebater e contar até dez correndo de uma lata há outra cruzando e batendo o taco no outro, ao final da contagem a dupla do taco tinha que rebater a bola a uma distância que daria para derrubar as latas cruzar os tacos no meio do campo de jogo e contar até dez sem ser queimado e sem descruzar os tacos.

Cai no poço, uma brincadeira de afetividade, onde alguém se afastava do grupo e falava “caí no poço” o grupo respondia “por onde está a água” a pessoa só poderia falar as três parte do corpo joelho, cintura e pescoço, na respectiva ordem, o grupo “quem te tira” a pessoa escolhia alguém do grupo para o tirar falando o nome da pessoa, o grupo “com o que”, aí a pessoa iria escolher se era com um aperto de mão, um abraço, beijo, etc, após o grupo abria contagem, até dez, se a pessoa escolhida não fosse então a pessoa falava tudo novamente subindo a água, caso nenhum dos escolhidos fossem salvar aquela pessoa iria se afogar e ficaria de fora da brincadeira.

Pega pega era bastante popular, então inovamos, além de correr no chão acrescentamos as árvores, onde passávamos de um galho para outro com uma facilidade imensa, os mais hábeis se atreviam a pular de um galho para outro para não ser pego, e sempre me desafiando os galhos baixos já não me interessava,

decidi então ir mais alto, sabe que quanto mais alto maior a queda, pois é, foi em uma dessa que subi bem alto, uns 5 metros, num pé de manga e pulei para o galho do pé de ingá.

A distância calculada era menos de um metro, consegui o prodígio, porém não contava que o galho estava seco e frágil, não deu outra caí lá de cima se batendo em outros galhos e por fim, com as costelas em cima de um monte de barro compactado de tanto a gente pisar, o fôlego faltou na hora, só dei conta de pedir um copo de água com açúcar e fiquei ali por umas duas horas, pois se eu fosse para casa meu pai dizia que, se eu aprontasse apanharia. Dias depois com dor nas costelas minha mãe levou-me para o hospital, daí vi que tinha quebrado uma costela, minha mãe indagou-me e eu falei do ocorrido, levei uma bronca de meu pai.

Também brinquei de bandeirinha, brincadeira de invasão onde uma equipe tem que pegar a bandeira (em nosso caso a sandália) da outra equipe, o campo de jogo consiste em uma linha ao centro, e conta em passos afastando-se da linha até obter uma distância razoável e ali faz um círculo ao chão dentro dele a sandália. É dado o sinal e as equipes tentam invadir o território da outra em busca de passar a linha de volta com a bandeirinha (sandália) em mãos sem ser pego, pois ao ser tocado este tem que ficar congelado, só podendo se mexer quando alguém da sua equipe invadir e tocá-lo, no entanto aquele que invadir e entrar no círculo está imune, mas ele tem que voltar carregando a sandália.

Tínhamos aquelas brincadeiras improvisadas, por exemplo: amanheceu em um sábado um pneu na rua de casa, então passamos a brincar com esse pneu empurrando-o, outra hora virando-o, depois saltando por cima do pneu em movimento, enfim passamos o dia brincando com aquele pneu, já anoitecendo tivemos a ideia de incendiar o pneu para clarear, pois naquela noite não iria ter energia em nosso bairro, a cidade contava só com um motor gerador, aí a cada noite era um bairro diferente a receber energia.

Com o pneu ainda com fogo e muita fumaça, começamos a pular por cima assim como fazíamos com as fogueiras, mas as fogueira não fazia tanta fumaça, quanto o pneu mesmo assim a gente foi, após vários saltos eu fui pular, mas a

fumaça impediu de ver que do outro lado alguém também teve a mesma ideia ao mesmo tempo que eu. Resultado, acabei me chocando com um amigo e caí dentro do pneu com fogo, ele caiu fora do fogo. E eu rapidamente saí me puxando, sentindo um ardor apenas na perna esquerda e, no instinto de sobrevivência, fui para dentro de uma lama e me lambuzei todo com aquela lama, mais uma vez minha mãe me leva para o hospital, após todo o procedimento vim para casa apenas com a perna, o joelho e uma pequena parte inferior do abdômem com cicatriz da queimadura.

Nas brincadeiras de lutas, as vezes briguei com alguns dos meus amigos, como toda amizade que se preze, porém no dia seguinte lá estávamos novamente se divertindo. Entretanto o período que mais gostava era quando chegava as férias que eu ia para a nossa terra na zona rural há 30 km da cidade, éramos uns 10 há 15 amigos onde com eles peguei carona, tomei muito banho de rio, ouvi muita história contada pela mãe principalmente a noite, comi muitas frutas fresquinhas no pé da árvore onde subia e lá em cima saboreava as suculentas, pesquei bastante também nos rios principalmente no rio Açú. que ficava no limite da terra.

Perto da casa da zona rural tinha uma gruta, (é uma depressão de terra, onde de um lado e do outro há subidas íngremes), porém essa era especial, pois ao meio lá em baixo havia um córrego de águas cristalinas proveniente de um olho d'água (um buraco natural onde emana água) onde tomei meus melhores banhos, com os amigos brinquei bastante nas águas transparentes daquela gruta. Logo em seguida saíamos para a roça de arroz para passarinho (matar passarinhos usando baladeira, ou estilingue, e pedras). Adorava aquele lugar e o tempo que passava ali, pois montei em cavalos e em um boi chamado "brinquedo", este era a diversão do meio dia, quando o gado vinha para perto de casa, o boi deitava e deixava a gente subir nele.

Posso dizer que vivi cada minuto da minha infância com uma intensidade tremenda, as vezes até demasiadamente extrapolando limites, pois sabia que eram momentos que jamais retornariam fisicamente, e que o tempo não estava em meu controle para poder revivê-los quando desejar, mais me sinto inteiro e

completo pela infância que tive; inteiro, porque vejo que não deixei passar um momento sem aproveitá-lo e completo, por realizar tudo o que pude que estava ao meu alcance. Posso assegurar, concordando com Freire (1987, 1996), que conhecimentos são adquiridos, construídos antes mesmo de começarmos a frequentar espaços escolares, pois nossas vivências são aprendizagens.

## ENTRADA PARA A ESCOLA

Em 1996 com a nossa situação financeira melhorando meu pai já tinha uma bicicleta vermelha monark, dos ferros ainda quadrados, quando ele ia pro trabalho levavaminha irmã e eu para escola, minha irmã no bagageiro (garupa) e eu na frente no (varão), não era necessário comprar material escolar, pois a escola fornecia um caderno e lápis para cada aluno, materiais estes que ficavam na sala aos cuidados da professora. A cartilha tinha como objetivos conhecer as letras, grava-las, e grafar algumas, principalmente do nome. A tabuada tinha a objetividade de conhecer e contar os números.

Iniciei minha trajetória estudantil aos seis anos de idade, em 1996 nesta casa de madeira e o lote onde ficava a casa era cercado por tábuas, tendo um portão de acesso, tanto a cerca como a casa eram pintados de branco e rodapé de vermelho, no interior da casa tinha quatro cômodos, com uma separação ao meio, onde dois cômodos ficavam moradores e nos outros dois cômodos funcionava a sala de aula; o quintal era limpo, tinha um pé de manga, um pé de ameixa e uma privada que não era coberta, a casa situava-se na avenida João Pessoa, esquina com a travessa Altamira, em Tailândia.

Quanto minha experiência, em meu primeiro dia de aula foi horrível; a professora sempre de cara fechada, não me lembro dela sorrindo durante o ano letivo, com uma palmatória de maçaranduba na mão, ela fazia questão de falar daquela palmatória de que era e pra que servia, logo no primeiro dia ela colocou uns alunos de joelho na areia, usou a palmatória. Apesar de eu não ter passado por isso no primeiro dia, pois chorava bastante, pra mim foi uma experiência bem ruim de ver futuros colegas de turma passar por situações assim, logo a escola se tornou um lugar assustador para mim. Trata-se de situação na qual a aprendizagem é

desfavorecida, afinal, segundo diferentes autores (IMBERNÓN, 2010; RIOS, 2010; MANTOAN, 2015) contextos de ensino e aprendizagens devem ser acolhedores, de modo a estimular empenhos espontâneos relacionados a apreensão de conceitos, fatos e informações.

Então forçado pelo meu pai a ficar naquele ambiente, como resposta a atitudes da professora comecei a aprontar e sofrer punições. Pra começar toda vez que errava a letra do alfabeto apanhava com aquela palmatória; errava o número, outra palmatória; conversava com os colegas: palmatória. Daí comecei a pegar o giz, esconder a sandália da professora e toda vez que alguém falava para ela, esta me colocava de joelhos no piso da sala, na areia, outrora no seixo no quintal da casa, enfim sempre havia uma punição severa para meus atos.

Quando sabia quem estava falando para a professora, aí comecei a brigar quando era os meninos que falava, porém as meninas sujava suas roupas, com as frutas das árvores, lama ou terra. Bem, naquele ano de 1996 a visão de escola não gerou em mim algo satisfatório, pois ouvia meus pais dizerem que a escola era boa e que lá eu tinha que aprender para me tornar um cidadão com maior oportunidades de um emprego, que não requeria trabalhar ao sol continuamente; essas palavras me davam ânimo para ir mais um dia para aquela sala de aula. Porém ao chegar em sala de aula, a professora me tirava todo o entusiasmo de aprender.

## ENSINO FUNDAMENTAL

Aos sete anos ingressei na Escola Estadual de primeiro grau Ezequiel Alves dos Ramos, situada na avenida Fortaleza em Tailândia-PA, a escola de madeira com um pavilhão, contendo quatro salas separadas por meia parede, não era cercada. Cursei a primeira série fraca, essa série funcionava como uma preparação para ingressar na primeira série no turno do intermediário, turno que se compreendia entre manhã e tarde. Seu funcionamento era das 11:00 horas até às 15:00 horas, minha professora, não usava mais a palmatória, era bem paciente com os alunos. Nossa! Isso impactou de uma forma muito positiva em mim, aumentando até meu interesse de ir para a escola, minha frequência chegou a 100% em 1997.

Estava maravilhado com aquele novo ambiente e, principalmente, com a relação que a professora tinha com a turma, vi nela o interesse em nos ajudar a ter um aprendizado diferente do que anteriormente e isso foi recíproco da minha parte, pois despertou em mim o interesse ao estudo, avançando assim para a próxima série. Os materiais escolares eram ofertados pelo governo do estado que entregava a cada bimestre, um caderno pequeno de quarenta e oito folhas, dois lápis e uma borracha, não tinha mochila, meu pai levava o material numa sacola e me entregava na porta da sala.

No ano seguinte em 1998, cursando a primeira série, conhecida também como primeira série forte (série que sucedia a primeira fraca, por isso a nomenclatura de primeira forte) a escola entrou em construção. Tivemos que estudar no salão paroquial, cedido pela igreja católica, situado na travessa são Félix, esse local ficava mais longe de casa, então meu pai não tinha como me deixar na escola, pois chegava atrasado no trabalho e o salão paroquial ficava em sentido contrário ao trabalho dele.

Então com minha irmã e amigos eu ia para a escola a pé vez e outra pegava o único ônibus escolar que havia na cidade, que por ser o único as vezes estava tão lotado que não cabia mais nenhum aluno, porém essa dificuldade não interferiu no meu relacionamento com a escola e, sempre que era necessário, eu ia a pé para a escola, pois a professora falava que era só aquele ano e que no ano seguinte, iríamos voltar para nossa escola já construída. Uma vez tive que andar uma semana descalço, pois minha sandália que já estava remendada quebrou e não tinha como emendar novamente e faltava uma semana para o pagamento do meu pai.

Voltamos para a escola no ano de 1999. Cursando a segunda série, a escola construída murada e já sendo Escola Municipal de Ensino Fundamental, com uma estrutura adequada para atender os alunos. Estudei nessa escola até o ano de 2001, quando conclui a quarta série. Para mim essa escola junto com as professoras fizeram com que eu mudasse totalmente a visão e o conceito do que tinha sobre escola e foi nessa escola que alcancei minhas melhores médias. Vou pontuar aqui ao meu ver os motivos que me fez alcançar esse progresso:

a) a escola; limpa, organizada, o pátio, quadra de esportes, corredores toda a estrutura oferecia um ambiente propício ao aprendizado.

b) funcionários; vigias, serventes, supervisor, etc todos eles me tratava com muito respeito e alegria, todas as vezes estavam sorrindo e sempre cumprimentavam-me, seja na chegada, na saída ou no recreio eu via eles no meio de nós, isso elevava a minha auto-estima e me motivava a estudar mais.

c) professoras; elas mantinham uma relação professora-aluno incomparável uma relação sem igual, o respeito, a alegria a maneira de ensinar com que elas demonstrava para mim foi o que me cativou, elas tinham um conhecimento não só dos conteúdos mas para comigo também, até parecia que era alguém da família.

Lembro-me uma vez que estava participando dos jogos da semana da pátria (era a semana que abrangia o sete de Setembro, tínhamos essa semana para competir com as outras turmas em jogos e gincanas) todos prestigiavam as competições, nossa turma da terceira série foi para a final com a turma da quarta série no futsal, a professora torcia e gritava a beira da quadra. Quando perdemos ela chamou a gente e nos falou palavras de motivação, mostrando para mim que a relação professora-aluno não era só no ambiente de sala de aula e com isso era mais um motivo para admirá-la, como uma profissional que até hoje tenho como referência para mim. Tratam-se de vivências que remetem a Tardiff (2012), para o qual um professor deve oportunizar situações que favoreçam iniciativas, por parte do aluno, relacionadas ao ato de aprender, algo que, conseqüentemente, irá criar um novo ambiente escolar.

No ano de 2002 mudei para a escola de Ensino Fundamental Maior, uma escola com quatro pavilhões onde três destes eram térreos e um ocupava o segundo andar, nesta escola havia também um amplo refeitório, duas quadras, uma poliesportiva coberta e outra quadra de areia não coberta, tinha muros altos com três portões de acesso, uma horta grande e uma arborização excelente, sem dizer que era uma das escolas bastante competitiva nos Jogos Estudantis Tailândenses – JETS que era uma competição entre escolas que ocorria no período das férias do meio do ano. Então fui para essa escola cursar da quinta há oitava série, foi uma mudança radical e confesso que demorei a me habituar com a nova realidade,

porém desafiadora, agora eram dez disciplinas, cada disciplina um professor e ainda tinha o horário, que a cada quarenta e cinco minutos trocava-se de professor e disciplina, era muita informação em um curto espaço de tempo, essa situação me confrontou diretamente.

Demorei dois anos para me adaptar a essa realidade, e ainda tinha as duas primeiras turmas 5ª e 6ª séries, que foram bem difícil para mim, por serem bastantes bagunceiras e isso me atrapalhou bastante nas minhas notas, a sexta série por exemplo; tinham alunos que levavam bebidas alcoólicas para sala de aula e ofereciam a nós, éramos uns seis que não bebiam e sempre recusávamos e a gente tinha que aguentar as chacotas que eles faziam, até o professor de Língua Portuguesa ver e falar com eles seriamente, no entanto quando passei para a sétima série fui para uma turma considerada boa na escola, até financeiramente, também a condição financeira da minha família já era bem estável, e daí minhas notas voltaram a subir e minha relação até com os professores mudou para melhor, pois antes nem cumprimentar-me eles faziam.

A escola, EMEF José Manoel de Araújo, situada na avenida João Pessoa esquina com a travessa Castanhal em Tailândia. Trata-se de uma escola de boa estrutura, bem murada com muros bem altos, com quatro pavilhões onde um fazia o segundo andar e era o desejo de todo aluno estudar nesse pavilhão, porém nesse só funcionavam a sétima e oitava série.

Financeiramente estávamos bem estruturados, já criava gado, tinha um plantio de pimenta do reino, nossa condição propiciava de certa forma comprar materiais escolares bons, uniforme escolar pra mim e minha irmã, porém minha irmã foi morar com um rapaz e desistiu dos estudos e eu continuei. No meio do ano cursando a quinta série ganhei uma bicicleta de marcha, meu pai começou a me ingressar em cursos de informática. Em 2005 meu pai montou uma oficina de bicicleta para mim e meu irmão. A oficina dava uma renda até boa, porém comecei a faltar as aulas, daí me vi dividido em ajudar na renda da família e os estudos, pois as vezes tinha que entregar o serviço, e terminava tarde e cansado sem tempo de ir para a escola, daí comecei a chegar atrasado nas aulas, já que estudava no turno da noite, tinha aulas que dormia.

Em 2005 nenhum dos meus irmãos estudavam mais. Então de certa forma via uma expectativa grande da parte do meu pai e da minha mãe para comigo, isso ficou bem nítido quando no mesmo ano meu pai fechou a oficina e disse para mim estudar, pois ele iria ajudar em que eu precisasse em relação ao estudo, porém o que ele queria era que eu apenas estudasse, desse dia em diante pude ver que a atenção redobrou para comigo, certo dia uns amigos me chamaram para uma vigília na igreja. Pensei, meus irmãos saem para as festas e voltam só no outro dia e o pai nem reclama. tudo bem se eu for. Quando cheguei em casa uma da manhã todo mundo acordado preocupado meu pai e minha mãe já tinham ido em delegacia, hospital, funerárias, praças, enfim só não apanhei porque estava na igreja.

Concluí meu ensino fundamental no ano de 2005, com 16 anos de idade, me sentindo por uma parte realizado, de ter concluído o Ensino Fundamental e ter me superado em meio a tantas dificuldades e desafios encontrados nesse percurso, vi tantos amigos e familiares desistirem por vários motivos o mais ouvido entre eles era o financeiro, mas consegui concluir meu Ensino Fundamental, sem festa, mas realizado. Porém muito focado para o próximo ano no Ensino Médio e em não decepcionar meus pais, não pensava ainda em nenhuma profissão, nem mesmo professor, mesmo porque meu pai já havia pensado em algo voltado para a agronomia, que mais tarde iria revelar-me, de certa forma, eu me via na obrigação de realizar o que ele planejara para mim, devido ele ter me “poupado” do trabalho braçal para estudar, mesmo porque por motivos de saúde eu não tinha condições de realizar trabalhos tão forçados.

## ENSINO MÉDIO

Quando passei para o Ensino Médio em 2006 com 16 anos de idade, minhas expectativas eram enormes em relação ao aprendizado, esperava um estudo mais concreto, algo que me desse um norte para me escolher convictamente minha profissão. A escola agora pelo ensino estadual apresentava-se com um muro baixo com apenas dois portões de acessos, um jardim bem cuidado dois pavilhões um térreo e outro no segundo andar onde o acesso era pela escada e rampa, nessa escola tinha uma sala de laboratório de química, uma sala de vídeo, um auditório,

uma biblioteca, o refeitório não era grande, porém o pátio compensava e só havia uma quadra poliesportiva coberta, as características físicas da escola ao meu ver trazia uma responsabilidade a mais para minha formação, pois ela não passava aquela ideia de aprisionamento escolar, situada na avenida Florianópolis esquina com a travessada das mangueiras em Tailândia-PA. As vagas eram bem disputadas, pois a demanda de alunos era grande. Minha mãe foi para a fila de madrugada, não só uma vez, para conseguir uma vaga pra mim.

No ano de 2006, cursando o primeiro ano do ensino médio, pelo turno da manhã e meu pai trabalhando no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tailândia, ele conseguiu me ingressar em mais um curso, denominado Consórcio Social da Juventude Rural Rita Quadros, um curso voltado para a formação de jovens do campo abrangendo os municípios de Abaetetuba, Barcarena, Igarapé-Mirim, Moju e Tailândia, onde debatia educação, formação sindical, participei de oficinas, apresentações de seminários e tive uma formação para manuseio da apicultura e avicultura caipira.

No entanto o curso era fora da cidade e eu tinha que viajar. A primeira viagem foi para a cidade de Mojú, como nunca tinha viajado antes, pra mim foi terrível, chorei a viagem toda. Mas as outras viagens fui tranquilo, pois já tinha conhecimento com o grupo e, quando retornava, de certa forma sentia até saudades dos encontros. Ao final de cada encontro o curso expedia um atestado para justificar as faltas na escola, porém tinha que pegar as disciplinas perdidas com os colegas de turma para estudar, finalizei aquele ano letivo e o curso no mesmo ano de 2006. com a ideia de aprofundar os conhecimentos sobre tecnologia computacional futuramente.

Em 2007, com 17 anos de idade, cursando o segundo ano, no turno da noite meu pai arranhou para mim um trabalho informal de meio período, onde trabalhava pela manhã, como assistente de secretário da Associação dos Pequenos Agricultores da Gleba Setenta de Tailândia, com sede situada na Travessa Marajó em Tailândia-PA, onde meu pai era o presidente. Conciliava assim o tempo de manhã trabalhava, fazia minhas atividades escolares e cursinhos a tarde, e a noite

ia para a escola.

Concluído o segundo e já cursando o terceiro ano, o ambiente familiar que eu tanto venerava estava arruinado, meu pai logo após ser disciplinado pelo pastor se afastou da igreja e iniciou uma nova rotina de farras, jogos de azar, viagens constantes, foi vendendo gado, terra, tudo. Aí me vi na obrigatoriedade de ir atrás de emprego, procurei em lojas, supermercados, sem sucesso naquele ano.

Dai pensei em abandonar os estudos no quarto bimestre do terceiro ano, foi quando minha professora de História sabendo da minha situação, porque minha colega contou, me chamou para sentar em uma mesa de um bar e me incentivou a concluir o ensino médio. Resultado: sai de lá com outro objetivo e concluí o meu ensino médio naquele ano de 2008, e mais uma vez vi a relação professora-aluno ir muito além da sala de aula, ali para mim eu já tinha uma noção do que os estudos eram de fundamental importância para minha vida profissional, e com a conversa que tive com essa professora, só concretizou ainda mais esse conceito.

## TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Após concluir o ensino médio, fui atrás de emprego para ajudar em casa. fui indicado por um amigo para uma vaga em uma torneadora, no bairro industrial de Tailândia, trabalhei durante seis meses desempenhando várias funções, cuidava das chaves, limpava o chão da torneadora, comprava produtos domésticos para os donos da torneadora, tinha que lavar as máquinas, banheiros e auxiliava os soldadores e torneiro. Depois fui trabalhar em uma oficina de moto, situada na avenida Natal centro de Tailândia, trabalhei durante oito meses nessa oficina e saí para trabalhar em uma serraria, situada a margem da rodovia PA 150 em Tailândia, trabalhei durante seis meses na função de carregador de pó das circulares, contrai uma pneumonia devido as condições de trabalho.

Sem condições emocionais e financeiras, porém com a promessa de um pedaço de terra, minha mãe resolveu vender a casa e sair de Tailândia, com meu irmão mais novo e eu. Em novembro de 2010 chegamos na cidade de Anapu, onde meu outro irmão, o segundo mais velho, já morava aqui, porém na zona rural no

travessão do surubim, minha mãe já tinha comprado uma casa situada na entrada do travessão do Santana. Terminei meu tratamento e melhorei da pneumonia, compramos então uma moto usada para andar para a terra do meu irmão e para a nossa, que ficavam longe uma da outra (essas terras pertencendo a união). No tempo não havia documento algum dessas terras, devido a distância passei então a conviver mais com a família do meu irmão em um barraco (cobertura de palha, sobre estacas de acapu em pé, cercado de lonas, estacas ou palhas) onde viviam duas famílias: a do meu irmão e de sua cunhada.

Em 2011, participei e fui aprovado no concurso público de Anapu para agente de endemias, tive que dar baixa no meu concurso, pois surgiu um trabalho de imediato numa terra no travessão do Surubim, que meu irmão falara para mim. Então fui trabalhar nessa terra. Quando meu irmão separou-se de sua mulher de 2011/2012 e eu já tinha uma paixão por ela, nos acertamos para morarmos juntos, em união estável, onde estamos até hoje.

Em Janeiro de 2013, a comunidade Nova Esperança já era reconhecida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Meu sogro representante da comunidade, procurou a Secretaria Municipal de Educação de Anapu – SEMED, para ver a possibilidade de abrir uma turma na comunidade Nova Esperança com 6 alunos, pois a outra escola ficava em torno de 7 quilômetros de distância e como havia bastante floresta era muito arriscado para as crianças irem, devido aos animais que haviam, principalmente os bandos de porcos selvagens.

Com a proposta aceita, meu sogro tinha que levar para comparecer na SEMED alguém que tivesse o Ensino Médio completo. Então ele me fez o convite para assumir o cargo de professor na comunidade. Recusei, pois ainda estava com aquela sensação de dependência de meu pai e agora que estava desenvolvendo minha independência, achava que voltaria a depender de alguém novamente. No entanto o convite foi feito a uma outra pessoa que aceitou, porém não desenvolveu um bom trabalho durante o ano letivo de 2013.

Ano seguinte, início de 2014, em uma reunião que eu não estava presente, pois tinha que levar meu pai que estava me visitando a cidade, a comunidade não

aceitou mais a professora e então me nomearam ao cargo, quando cheguei em casa minha mulher disse que eu era o novo professor da comunidade. Para mim foi uma surpresa, pois em nenhum momento me vi com possibilidades de atuar como professor, me senti surpreso e ao mesmo tempo nervoso, pois novamente havia sobre mim uma expectativa, agora de pais e mães para com o aprendizado de seus filhos.

A escola era um barraco aberto, erguido com seis paus de acapu, coberto com palhas de ubinho, (folhas largas com mais ou menos 50 cm de comprimento, com um talo comprido que serve para tecer os panos para a cobertura) as paredes compostas por palha de coqueiro babaçu, rachadas ao meio e pregadas nos paus de acapu e trocadas a cada semestre por causa de insetos, as cadeiras e mesas usadas pelos alunos eram tábuas postas sobre pedaços de madeira cortadas em rolas em formato de cilindros, a turma multisseriada com 7 alunos de 1º ao 5º ano, o professor não tinha mesa e nem cadeira, apenas um quadro de escrever. O jeito era ensinar o tempo todo em pé, a merenda era feita em casa, por minha mulher que trazia a pé há uma distância de 1500 metros. A escola funcionou assim de 2013 até junho de 2015, quando o secretário de educação resolveu visitá-la e construir em acordo com a comunidade uma de madeira. A escola é situada no Travessão da Surubim, ramal Nova Esperança, zona rural do município de Anapu-PA

Trabalhar nessa escola no início foi bastante desafiador, além de cuidar da parte física da escola a estrada era ruim para ir a cidade comprar material. Fui pedir material emprestado para a professora que tinha trabalhado no ano anterior nas duas escolas, por implicância com a comunidade essa não me cedeu nem o giz. O jeito foi inovar e fazer diferente, usei gravetos, folhas de árvores e areia para montar e ensinar as letras do alfabeto, passava leitura e tarefas nos cadernos dos alunos a punho, trabalhei o primeiro mês nessas condições. Quando o pagamento saía eu comprava meus materiais de trabalho e alguns materiais pedagógicos, pois não tinha ainda nem uma orientação onde pegava material para a escola e nem visita por parte do supervisor, fator esse entendido devido as péssimas condições da estrada, pois para percorrer os 90 km da cidade para a escola era em torno de

quatro horas, e também por ser uma escola nova e difícil de se localizar, assim foi o ano de 2014.

Em maio de 2015 convoquei a comunidade para roçar a área da escola e em julho do mesmo ano comecei a construir a escola Clarice Lispector com ajuda da comunidade, concluímos a cobertura no final do mesmo mês antes do retorno as aulas, porém ainda sem piso e cadeiras que posteriormente veio, na escola também funcionava um ponto de culto da igreja Assembleia de Deus, aos sábados.

Trabalhando nessa escola desde 2014, participando de palestras e formações pedagógicas organizadas pela Secretaria Municipal de Educação – SEMED, essas formações são realizadas na zona urbana em períodos de um a dois dias, onde temos a oportunidade de manusear materiais recicláveis com aulas práticas por exemplo, ver na teoria novos métodos que podemos por em práticas nas salas de aula, apresentar os que deram certos. Esses encontros também nos auxiliam no manuseio do diário, como produzir planos de aula, enfim essas formações são indispensáveis para o professor(a) que quer vivenciar novas experiências em sala de aula com seus discentes.

Por isso que sempre participei dos encontros pedagógicos por desejar métodos diferentes para o ensino de meus alunos, pois a cada ano os alunos trazem conhecimentos novos, principalmente quando vem alunos de outras regiões e de certa forma fazem comparações entre um ensino e outro, e essas formações pela SEMED apresentam métodos que em muitas vezes da para conciliar com a realidade dos discentes por exemplo; usar folhas de árvores para fazer cálculos e estudar suas diferentes formas, estudar a natureza fora do ambiente de sala de aula, estudar a fisionomia usando o próprio corpo do discente, enfim são esses e outros métodos que darão a aula um melhor aprendizado e um ensino suavizado.

E aplicá-los em sala de aula é um diferencial: Um exemplo é quando alunos que já estudaram comigo visitam a escola e participam da aula, ao final eles fazem a seguinte interrogação: “ Por que o senhor nunca usou isso quando eu tava estudando aqui?” Eu respondo que assim como eles estão aprendendo coisas novas

na outra escola, eu também estou aprendendo e fazendo coisas novas em sala de aula. Perguntas iguais a essas mostram que os métodos usados estão de acordo com o que planejo, pois sempre procuro inovar e praticar o novo em sala de aula.

### A ENTRADA E A IMPORTÂNCIA DO PARFOR

No ano de 2018, estava em sala de aula quando recebi de meu supervisor a proposta de ingressar na Universidade Federal do Pará (UFPA) através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) aceitei sem titubear, o mesmo foi quem fez a minha inscrição, porém não fui chamado na primeira instância, o que me fez pensar que não iria dar certo e me deixou bastante apreensivo para a segunda chamada, no entanto na segunda chamada meu nome apareceu na lista e isso me encheu de alegria e euforia, aguardando ansiosamente para o dia marcado para apresentar toda documentação necessária, tranquei um curso numa instituição particular e assim entrei na Universidade Federal do Pará.

Com muita expectativa sobre o aprendizado e certo nervosismo misturado com alegria de poder está em uma Universidade de tanta expressividade como é a Universidade Federal do Pará, para mim nem em meus sonhos tinha essa possibilidade de alcançar tal feito, e me ver dentro dessa instituição hoje é algo surpreendentemente realizador para mim e para minha família.

O programa PARFOR é de suma importância para o processo de ingresso de professores que não tem uma formação ainda e que exerce a docência, que era o meu caso, e durante o processo de graduação vi uma oportunidade ímpar, um leque de possibilidades e de novos métodos aprendidos na universidade que pude vivenciar em sala de aula com meus alunos, o que me permitiu ter essa experiência do teórico e do prático se complementando no cotidiano, isso quer dizer que tive essa vivência de estudar na universidade e aplicar o que aprendia, na minha sala de aula na zona rural, elevando assim o ensino do campo na minha comunidade, pois estudava a teoria e aplicava a mesma na prática e pra mim esse é um dos pontos de bastante positividade do programa PARFOR.

No ano de 2020 veio o maior desafio para todos os professores e para mim, com a pandemia da Covid-19 em nosso país, tive que inovar novamente e experimentar algo ainda nunca imaginável, atender os discentes em casa, o desafio foi intenso, devido as dificuldades das estradas para levar materiais para os alunos, principalmente no período de chuvas, quedas eram constantes nas estradas, a preocupação para os materiais chegarem em bom estado aos alunos.

Tinha também os estudos online da universidade a noite, e internet, só a da escola onde trabalho que não era tão boa assim. Por várias vezes fiquei sem participar das aulas devido o tempo chuvoso ou internet ruim que vez e outra ficava até três dias sem sinal, tive vontade de desistir, principalmente quando eram professores incompreensíveis da universidade, que não davam nem oportunidade de recuperação, mas sabia da importância desse curso de pedagogia e o quanto o PARFOR era essencial na minha vida e isso que me fez chegar aqui e concluir essa etapa e dizer obrigado PARFOR pela oportunidade ímpar de ingressar numa universidade da magnitude que é a UFPA e concluir esse curso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim que foi proposto a construção de um trabalho de conclusão de curso em formato de memorial, pensei que iria ser algo desinteressante. O que tem de mais falar sobre minha vida?

Porém ao processo que iria se construindo esse trabalho, vi a riqueza que foi e é a minha história, para mim reviver os fatos principais que marcaram e que estão presentes em minha vida hoje, foi algo surpreendente, ter que me deparar com alguém que horas pensei ser tão incomum de mim mesmo.

Quanto aos fatores que se fazem presentes, dentre eles estão o modo de tratamento das minhas professoras em especial do primário que souberam lhe dar com uma pessoa tão singular como eu e isso tenho guardado e compartilhado com meus discentes, para que em seus futuros eles tenham a mesma afetividade ou lembranças de que tenho hoje das minhas docentes. também tive essa possibilidade de reviver em alguns instantes ao longo deste curso, com excelentes profissionais

que sempre levarei-os comigo.

No processo desse trabalho pude ver e refletir que o professor (a) em seu papel tem enorme participação na vida de seus alunos, não importando a fase em que este se encontra e que o verdadeiro reconhecimento do professor não está em seu ganho mensal e sim no relacionamento que este estabelece com seu discente, podendo ser lembrado e valorizado por ele pelo decurso de sua vida.

Mostrar minha história e de como fui criado, fez pensar o tanto que avançamos nesse processo de democratização e o quanto a educação é capaz de transformar vidas. um pobre, negro e campesino ter a oportunidade de entrar em uma universidade igual a UFPA é simbólico e agora está concluindo um curso de pedagogia é algo que para a realidade de meus pais era impossível. Que esse memorial incentive mais pessoas a acreditar nelas mesmos e valorizar ainda mais as que estão ao lado.

Bom, esse trabalho mostrou pra mim, pois nunca tinha parado para analisar meu trajeto, o quanto minha história de vida é especial e única, foram tantos momentos de alegria, de dor, momentos difíceis não só para mim, mas também para aqueles que estão perto ao redor, mas sempre o que marcou os meu momentos foram as realizações sem dúvidas, pois com elas vieram a necessidade de manter a esperança de sempre acreditar que podemos sim nos realizar, mesmo quando as circunstâncias fazem você querer desistir ou desacreditar de você mesmo, surgem pessoas verdadeiramente especiais que te ergue e te faz acreditar que você é capaz.

Analisando minha história e refletindo a mesma, pude observar que obtive bastantes experiências tanto as boas que guardarei comigo reproduzindo-as em meu cotidiano, quanto as ruins que serviram para mim fortalecer, não cometê-las com meus educandos e ver que na vida não se vence sozinho. Hoje falo como um acadêmico formado pela UFPA que as experiências vividas desde a infância até a conclusão deste curso me tornou uma pessoa ainda mais humana e um profissional ainda mais empenhado em não só desenvolver o seu papel, mas compreender, ouvir e ajudar aqueles que precisam de incentivos para vencer também assim como

eu.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ciências naturais**. Brasília: MEC; SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC; SEMT, 1999.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 dez. 2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JR, Josenaldo. Breve história de Tailândia e informações do município do nordeste do Pará, disponível em: <<https://portaltailandia.com/tailandia-pa/breve-historia-de-tailandia-e-informacoes-do-municipio-do-nordeste-do-para/>>. Acesso em: 04/11/2022.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.